

**Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2025
12.º Ano de Escolaridade**

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Entrelinha 1,5 sem figuras

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

11 Páginas

VERSAO 1

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o texto seguinte, constituído pelas estâncias 51 a 53 do Canto IV de *Os Lusíadas*, e as notas.

- Est. 51 «Não foi do Rei Duarte tão ditoso
 O tempo que ficou na suma alteza,
 Que assi vai alternando o tempo iroso
 O bem co mal, o gosto co a tristeza.
5 Quem viu sempre um estado deleitoso?
 Ou quem viu em Fortuna (1) haver firmeza (2)?
 Pois inda neste Reino e neste Rei
 Não usou ela tanto desta lei?
- Est. 52 «Viu ser cativo o santo irmão Fernando (3)
10 (Que a tão altas empresas aspirava),
 Que, por salvar o povo miserando
 Cercado, ao Sarraceno (4) se entregava.
 Só por amor da pátria está passando
 A vida, de senhora feita escrava,
15 Por não se dar por ele a forte Ceita (5).
 Mais o público bem que o seu respeita.
- Est. 53 «Codro (6), por que o inimigo não vencesse,
 Deixou antes vencer da morte a vida;
 Régulo (7), por que a pátria não perdesse,
20 Quis mais a liberdade ver perdida.
 Este, por que se Espanha não temesse,
 A cativeiro eterno se convida!
 Codro, nem Cúrcio (8), ouvido por espanto,
 Nem os Décios (9) leais, fizeram tanto.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*.

NOTAS

- (1) Fortuna – Destino; Sorte.
- (2) firmeza – constância; estabilidade.
- (3) Fernando – D. Fernando (1402-1443) foi capturado pelos mouros durante o cerco de Tânger, em 1437. Como o seu irmão, o rei D. Duarte, recusou a entrega de Ceuta em troca da sua libertação, o Infante acabou por falecer ao fim de anos de cativeiro.
- (4) Sarraceno – Mouro.
- (5) Ceita – Ceuta.
- (6) Codro – último rei de Atenas, que evitou o triunfo dos dórios quando estes invadiram a Ática, entrando disfarçado no campo inimigo e deixando-se matar.
- (7) Régulo – cônsul romano que, prisioneiro dos cartagineses, foi por estes enviado a Roma para propor a paz. Heroicamente, aconselhou os romanos a resistirem e voltou a Cartago, onde foi morto.
- (8) Cúrcio – romano que se atirou a um abismo existente no Fórum, para, com o sacrifício da sua vida, salvar a pátria.
- (9) Décios – ilustres romanos que se sacrificaram pela pátria.

Item obrigatório

1. Refira a opinião do narrador sobre o reinado de D. Duarte, tendo em conta duas ideias expressas na estância 51.

Item obrigatório

2. Releia as estâncias 52 e 53.

Explicita duas características de D. Fernando, fundamentando a sua resposta em informações presentes nas estâncias mencionadas.

3. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registe apenas as letras – **a)** e **b)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada.

No texto, estão presentes vários recursos expressivos, frequentemente utilizados em *Os Lusíadas*.

Por exemplo, na estância 53, o narrador utiliza como estratégia discursiva o recurso à**a)**....., a fim de**b)**..... .

a)

1. apóstrofe
2. sinestesia
3. enumeração

b)

1. sobrepor os feitos dos heróis da Antiguidade às ações de D. Fernando
2. reforçar o carácter extraordinário das ações do Infante D. Fernando
3. provar que as ações de D. Fernando e as de outros heróis enfatizam a efemeridade da vida humana

PARTE B

Leia o poema e as notas.

D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL (1)

- Deu-me Deus o seu gládio (2), por que eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu (3) em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa
5 Por sobre a fria terra.
- Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me
A fronte (4) com o olhar;
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer grandeza são seu nome
10 Dentro em mim a vibrar.
- E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
15 Maior do que a minha alma.

Fernando Pessoa, *Mensagem e Outros Poemas Sobre Portugal*.

NOTAS

- (1) D. Fernando, Infante de Portugal – D. Fernando (1402-1443), irmão do rei D. Duarte.
(2) gládio – espada curta, de dois gumes.
(3) Sagrou-me seu – Escolheu-me.
(4) fronte – testa.

Item obrigatório

- 4.** Explique em que medida as ações de Deus transformam o sujeito poético num instrumento da vontade divina.

Na sua resposta, comece por indicar as ações de Deus.

Item obrigatório

5. Releia os versos de 8 a 15.

Descreva, com base em dois aspectos pertinentes, o estado de espírito do sujeito poético face à vontade divina.

6. As afirmações seguintes referem-se à obra *Mensagem*.

- A. O Sebastianismo constitui um eixo temático fundamental de *Mensagem*.
- B. A mitificação de personagens da História de Portugal assume grande relevo na obra, em particular, na primeira parte.
- C. A força anímica dos heróis leva-os a agir, independentemente do esforço exigido.
- D. Constatata-se a presença de um apelo aos outros portugueses para que prossigam e concretizem a ambição do sujeito poético.
- E. De um modo geral, os poemas de *Mensagem* são curtos e valorizam aspectos como o ritmo e a rima.

Identifique as **três** afirmações que podem ser comprovadas através da leitura do poema «D. Fernando, Infante de Portugal».

Escreva, na folha de respostas, o número do item e as três letras que correspondem às afirmações selecionadas.

PARTE C

Item obrigatório

7. Embora os textos da Parte A e da Parte B incidam sobre o mesmo herói, existem diferenças significativas no modo como a figura de D. Fernando é apresentada.

Escreva uma breve exposição na qual distinga esses textos, no que diz respeito à predominância de características líricas ou épicas.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema na qual identifique a obra em que predominam características líricas e a obra em que predominam características épicas;
- um desenvolvimento no qual explice um traço distintivo do discurso lírico e um traço distintivo do discurso épico, fundamentando cada um deles com transcrições pertinentes;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto e as notas.

O texto constitui um excerto do discurso «O que é amar um País», proferido por D. José Tolentino Mendonça no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, em 10 de junho de 2020.

É uma bela tradição da nossa República, esta de convidar um cidadão a tomar a palavra neste contexto solene para assim representar a comunidade de concidadãos que somos. É nessa condição, como mais um entre os dez milhões de portugueses, que hoje me dirijo às mulheres e aos homens do meu país, àquelas e àqueles que dia a dia o constroem, suscitam, 5 amam e sonham, que dia a dia encarnam Portugal onde quer que Portugal seja: no território continental ou nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira, no espaço físico nacional ou nas extensas redes da nossa diáspora (1). Se interrogássemos cada um, provavelmente responderia que está apenas a cuidar da sua parte – a tratar do seu trabalho, da sua família; a cultivar as suas relações ou o seu território de vizinhança –, mas é importante que se recorde 10 de que, cuidando das múltiplas partes, estamos juntos a edificar o todo. Cada português é uma expressão de Portugal e é chamado a sentir-se responsável por ele. Pois quando arquitetamos uma casa não podemos esquecer que, nesse momento, estamos também a construir a cidade. E quando pombos no mar a nossa embarcação não somos apenas responsáveis por ela, mas pelo inteiro oceano. Ou quando queremos interpretar a árvore não podemos esquecer que ela 15 não viveria sem as raízes.

Pensem no contributo de Camões. Camões não nos deu só o poema. Se quisermos ser precisos, Camões deixou-nos em herança a poesia. Se, à distância destes quase quinhentos anos, continuamos a evocar coletivamente o seu nome, não é apenas porque nos ofereceu, em concreto, o mais extraordinário mapa mental do Portugal do seu tempo, mas também porque 20 iniciou um inteiro povo nessa inultrapassável ciência de navegação interior que é a poesia. A poesia é um guia náutico perpétuo; é um tratado de marinagem para a experiência oceânica que fazemos da vida; é uma cosmografia da alma. Isso explica, por exemplo, que Os Lusíadas sejam, ao mesmo tempo, um livro que nos leva por mar até à Índia, mas nos conduz por terra ainda mais longe: conduz-nos a nós próprios; conduz-nos, com uma lucidez veemente, a 25 representações que nos definem como indivíduos e como nação; faz-nos aportar – e esse é o prodígio da grande literatura – àquela consciência última de nós mesmos, ao quinhão daquelas perguntas fundamentais de cujo confronto um ser humano sobre a terra não se pode isentar.

Se é verdade, como escreveu Wittgenstein, que «os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo», Camões desconfinou Portugal. A quem tivesse dúvidas sobre o papel 30 central da cultura, das artes ou do pensamento na construção de um país, bastaria recordar

isso. Camões desconfinou Portugal no século XVI e continua a ser para a nossa época um preclaro (2) mestre da arte do desconfinamento. Porque desconfinar não é simplesmente ocupar de novo o espaço comunitário, mas é poder, sim, habitá-lo plenamente; poder modelá-lo de forma criativa, com forças e intensidades novas, como um exercício deliberado e comprometido 35 de cidadania. Desconfinar é sentir-se protagonista e participante de um projeto mais amplo e em construção, que a todos diz respeito. É não se conformar com os limites da linguagem, das ideias, dos modelos e do próprio tempo. Numa estação de tetos baixos, Camões é uma inspiração para ousar sonhos grandes.

José Tolentino Mendonça, *O Que É Amar Um País*.

NOTAS

- (1) diáspora – dispersão de um povo ou de uma comunidade no mundo.
(2) preclaro – ilustre.

Item obrigatório

1. Na primeira parte do discurso, José Tolentino Mendonça dirige-se «às mulheres e aos homens do meu país» (linhas 3 e 4), na medida em que são estes que
 - a) constituem a pátria, ao ocupar na sua totalidade o território nacional.
 - b) constroem relações com o território vizinho, alargando os limites da nação.
 - c) constituem as «raízes» de Portugal, preservando as tradições da República.
 - d) constroem a sociedade como um todo, ao desenvolver a sua ação individual.
2. Na opinião do autor, expressa no segundo parágrafo, a poesia
 - a) é uma herança prodigiosa de Camões, porque nos liberta do conhecimento do Portugal quinhentista.
 - b) tem a capacidade extraordinária de estimular o questionamento e a descoberta de si e do mundo.
 - c) é uma herança prodigiosa de Camões, porque nos continua a guiar nas viagens por mar e por terra.
 - d) tem a capacidade extraordinária de despertar a veia de marinheiro que há dentro de cada português.

Item obrigatório

3. Ao afirmar que «Camões desconfinou Portugal no século XVI e continua a ser para a nossa época um preclaro mestre da arte do desconfinamento» (linhas 31 e 32), o autor associa ao sentido de «desconfinamento» ideias como

- a) independência e protagonismo político.
- b) bem-estar e satisfação pessoal.
- c) ousadia e responsabilidade social.
- d) conformismo e poder individual.

Item obrigatório

4. A única frase em que estão presentes deílicos pessoais e temporais é

- a) «Desconfinar é sentir-se protagonista e participante de um projeto mais amplo e em construção» (linhas 35 e 36).
- b) «Cada português é uma expressão de Portugal e é chamado a sentir-se responsável por ele.» (linhas 10 e 11).
- c) «É nessa condição, como mais um entre os dez milhões de portugueses, que hoje me dirijo às mulheres e aos homens do meu país» (linhas 2 a 4).
- d) «A quem tivesse dúvidas sobre o papel central da cultura, das artes ou do pensamento na construção de um país, bastaria recordar isso.» (linhas 29 a 31).

5. A única oração subordinada substantiva completiva é

- a) «que dia a dia o constroem» (linha 4).
- b) «que ela não viveria sem as raízes» (linhas 14 e 15).
- c) «que fazemos da vida» (linha 22).
- d) «que nos definem como indivíduos e como nação» (linha 25).

6. Todas as expressões desempenham a função sintática de complemento do nome, **exceto**

- a) «de forma criativa» (linhas 33 e 34).
- b) «de Camões» (linha 16).
- c) «de nós mesmos» (linha 26).
- d) «de Portugal» (linha 11).

Item obrigatório

7. A frase «A poesia é um guia náutico perpétuo» (linhas 20 e 21) apresenta

- a) um valor perfetivo.
- b) uma situação habitual.
- c) um valor imperfetivo.
- d) uma situação genérica.

Item obrigatório

GRUPO III

Para uns, é o indivíduo que faz a sociedade; para outros, é a sociedade que faz o indivíduo.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defende uma perspetiva pessoal sobre o conteúdo da afirmação.

No seu texto:

- explice, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito);
- formule uma conclusão adequada à argumentação desenvolvida.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2025/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas aos 10 itens seguintes contribuem obrigatoriamente para a classificação final da prova.

Grupo I

Item 1	13 pontos
Item 2	13 pontos
Item 4	13 pontos
Item 5	13 pontos
Item 7	13 pontos

Grupo II

Item 1	13 pontos
Item 3	13 pontos
Item 4	13 pontos
Item 7	13 pontos

Grupo III

Item único	44 pontos
-------------------------	-----------

SUBTOTAL **161 pontos**

Dos restantes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação (3×13 pontos).

Grupo I

Itens 3. e 6.

Grupo II

Itens 2., 5. e 6.

SUBTOTAL **39 pontos**

TOTAL **200 pontos**